

POAIA, CICLO EXTRATIVISTA DA ECONOMIA DO VALE DO RIO CARANGOLA

BRAZIL PUSLEY, EXTRATIVISTIC CYCLE OF THE CARANGOLA RIVER VALLEY

IPECACUANA, EL EXTRACTIVISMO EN LA ECONOMÍA DEL VALLE DEL RÍO CARANGOLA

Márcia Aparecida de Souza¹
Henrique Cunha Júnior²

Resumo

O Vale do Rio Carangola pertencente à Zona da Mata Mineira, com extensão territorial para o noroeste fluminense, região ainda pouco documentada nos estudos acadêmicos. O primeiro ciclo econômico da região baseou-se na extração da erva poaia até seu esgotamento. Neste artigo, apresentamos os aspectos botânico, econômico, geográfico e histórico dessa planta. Bibliográfica e exploratória, a pesquisa se apoia em percursos e entrevistas na região. O artigo trata dos temas referentes à botânica da planta e suas propriedades medicinais, à importância comercial, aos estudos científicos e ao esgotamento da espécie.

Palavras-chave: poaia; Vale do Rio Carangola; economia do Vale do Rio Carangola; percurso socio-geográfico-histórico do rio Carangola.

Abstract

The Carangola River Valley belongs to the *Zona da Mata Mineira*, the forest zone of Minas Gerais State. This geographic region extends its territory to the Rio de Janeiro Northwest and has been documented in very few academic studies. The Valley's first economic cycle was based on Brazil Pusley extraction until it depletes. We present in this paper the botanical, economic, geographic and historical aspects of this plant. Bibliographic and exploratory, the research is based on pathways and interviews in the region. The article deals with themes on the plant's botanic, medicinal properties, trade importance, scientific studies and deplete of the species.

Keywords: Brazil pusley; carangola river valley; carangola river valley economy; socio-geographic-historical route of the carangola river.

Resumen

El valle del río Carangola es una región perteneciente a la Zona da Mata Mineira con extensión de territorio hacia el noroeste fluminense, región aún poco documentada en estudios académicos. La primera actividad de la economía de la región fue la extracción de la ipecacuana, que se hizo hasta su agotamiento. En este artículo presentamos diversos aspectos de esa planta, desde el punto de vista botánico, económico, geográfico e histórico. La investigación tiene carácter bibliográfico y exploratorio — en recorridos por la región — y realización de entrevistas. El artículo trata temas relativos a la botánica de la planta, sus propiedades medicinales, la importancia del comercio de ese vegetal, de los estudios realizados sobre la hierba y también sobre el agotamiento de la especie.

Palabras-clave: ipecacuana; valle del río Carangola; economía del valle del río Carangola; recorrido socio-geográfico-histórico del río Carangola.

1 Introdução

¹ Mestre em ensino (UFF). E-mail: profmarciasouza2016@gmail.com

² Doutor em Engenharia Elétrica (UFC). E-mail: racismoantinegro@gmail.com

Para fins de doutoramento em educação estamos realizando uma pesquisa acadêmica de natureza sistêmica complexa e transdisciplinar sobre a região geográfica denominada Vale do Rio Carangola (CUNHA JUNIOR, 2008), (SOUZA; CUNHA JUNIOR, 2019). A região é ainda pouco estudada do ponto de vista da pesquisa acadêmica e possui reduzido número de referências em teses e dissertações. Portanto, essa região comporta ainda muitos estudos de campo exploratórios como os que têm sido realizados por nós, baseados no princípio metodológico de levantamento de dados e histórias e utilizando-nos de percursos urbanos e territoriais (SILVA; CUNHA JUNIOR, 2019).

A região do Vale do Rio Carangola é parte da denominada Zona da Mata Mineira, com extensões no noroeste fluminense. Faz parte da região geográfica da Serra da Mantiqueira e forma um complexo montanhoso entre as bacias dos rios Doce, Muriaé, Carangola e Paraíba. A maioria dos estudos sobre essa região, tanto os clássicos quanto os mais recentes, apontam que o desenvolvimento econômico e populacional da localidade data do final do século 18, com dados bastante dispersos, geralmente se referindo à Zona da Mata como uma área impenetrável e de proibição de exploração pelo governo português, no sentido de coibir o contrabando de ouro e diamante das regiões vizinhas de Ouro Preto e Diamantina, de grande mineração. Ouro e diamante que eram levados por transporte terrestre entre as regiões de Minas Gerais e a capital do Rio de Janeiro pela estrada real, cujo percurso bordeja a região da denominada Zona da Mata Mineira (SILVA, 2018).

A região possuía grande população indígena e, ao longo dos séculos 17 e 18, foi refúgio de quilombos; era frequente também a presença de exploradores e comerciantes de produtos da região, no extrativismo de madeira e ervas. Construiu-se, portanto, uma história da ocupação territorial ainda em certa proporção obscura.

Este artigo se insere em pesquisa sobre esse território, no intuito de preencher lacunas em estudos sobre a região do Vale do Carangola. Um dos produtos que constituiu a economia extrativista da região, possivelmente nos séculos 18 e 19, foi a erva denominada como poaia, cujo nome científico é *Psychotria ipecacuanha*. Conhecida mundialmente como erva medicinal, é popularmente também chamada de ipecacuanha, ipeca, ipeca-verdadeira, poaia cinzenta. Ipecacuanha é um vocábulo originado da palavra *i-pe-kaa-guéne*, que significa ‘planta de doente de estrada’.

Essa erva faz parte da botânica brasileira e foi produto de grande interesse econômico para tratamento das enfermidades de pulmão e intestino em um tempo histórico em que não existia a penicilina nem outras drogas sintéticas; ainda não eram bem compreendidas as formas de doenças infecciosas, sendo grande o número de óbitos por essas enfermidades. Só após a

descoberta da penicilina por Alexander Fleming é que houve o surgimento de uma grande indústria que passou a se dedicar à sua produção e de outros antibióticos responsáveis pela possibilidade de vida com qualidade para pessoas com doenças tais como sífilis, pneumonia, tuberculose, meningite, entre outras graves infecções (RAW; SANT'ANNA, 2002).

O comércio da poaia foi intenso durante séculos, o que produziu o seu desaparecimento devido à forma excessiva e descontrolada de exploração.

Esse artigo tem como objetivo apresentar um estudo sobre a poaia, tomando como referência a região do Vale do Rio Carangola. Revisam-se estudos científicos sobre a planta e apresentam-se os aspectos territoriais do espécime e da sua exploração, considerando a importância dessa planta na história local e na ocupação do território. A poaia se configurou como um ciclo extrativista da economia do Vale de Rio Carangola e explica em parte a penetração das populações europeias no início da ocupação econômica do território, antes da independência brasileira.

2 Poaia: caracterização da planta

Planta nativa do Brasil (Figura 1), encontrada na floresta nos estados do Pará, Pernambuco, Rondônia, Mato Grosso, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

A parte da planta mais procurada são as raízes, nas quais são encontrados dois valiosos alcaloides, que têm grande valor farmacológico, a emetina e a cefalina (LAMEIRA, 2002). Os alcaloides são um componente do grupo de compostos nitrogenados orgânicos derivados das plantas e que possuem diversas propriedades farmacológicas, ou seja, podem ser usados na fabricação de remédios. Sobre a poaia e a forma de colhê-la, Thieblot nos informa que

A planta não passa de 25 ou 30 cm de altura, mas ela sempre se arrasta um pouco, de forma que o caule atinge uns 40 cm. As folhas são opostas, simétricas, de um verde vivo. As flores brancas arroxeadas, de um centímetro, dão nascença a um cartuchinho de sementes vermelhas. Mas é a raiz que interessa ao poaieiro. É uma raiz preta por fora e branca por dentro, formada de anéis bem juntinhos. O trabalho consiste em descobrir e arrancar essa raiz de 20 a 30 cm de comprimento que corre horizontalmente debaixo da terra. Extraída a raiz o caule fica no chão e volta a brotar. Qualquer pedaço de raiz que também fique, volta a dar um novo pé. Por ser muito mais fácil mexer com a planta quando a terra está molhada, é costume “poaiar” no tempo da chuva (THIEBLOT, 1980, p. 16 apud OLIVEIRA, 2013, p. 3).

Figura 1: Poaia



Fonte: <https://www.google.com/search?q=poaia&sxsrf>

No Vale do Rio Carangola, a coleta da planta era inicialmente realizada pelos indígenas que habitavam a região — Puris e Coroados —, que a trocavam por itens de que precisavam e a mata não fornecia — como pano, ferramentas e aguardente. Os nativos eram grandes conhecedores das matas e de seus segredos, como as propriedades de espécimes nativas ou trilhas que criavam e percorriam no referido território. Ao contrário dos indígenas, os exploradores europeus tinham dificuldades em se movimentarem por essas matas, mas se aventuravam à busca da poaia, que era exportada para a Europa. Era considerada “a planta medicinal melhor sucedida no mercado europeu de ervas medicinais, sendo apresentado também o valor de quatro toneladas anuais exportadas pelo Rio de Janeiro no começo do século XIX” (CORRÊA, 2010, p. 5). Assim, “a planta era repassada para a corte e posteriormente para a Europa por grande soma de dinheiro” (TUPINI; VARGAS, 2015, p. 74). Espíndola confirma que a arroba de poaia era vendida aos negociantes, que a destinavam aos mercados da França e Inglaterra, por cerca de nove mil réis (ESPÍNDOLA, 2005, p. 414 apud CORRÊA, 2012, p. 26).

Os rios da região, Carangola, Paraíba do Sul e Muriaé foram grandes facilitadores e responsáveis pelo acesso dos exploradores à localidade. Através da navegação por esses rios, a planta chegava ao Rio de Janeiro, onde era comercializada (MONTEIRO, 2005).

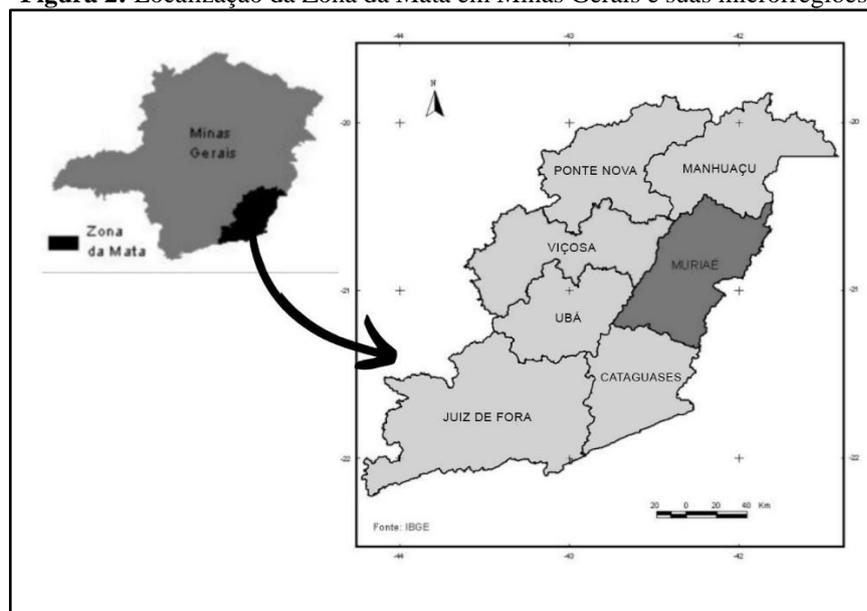
Depreende-se que, tanto a poaia como muitas outras plantas brasileiras da floresta atlântica, da zona da mata e do Vale do Carangola já tinham suas propriedades conhecidas e utilizadas pelos nativos antes da comercialização com os brancos exploradores. Esse conhecimento tornou-se de interesse dos exploradores e, devido à imensa quantidade de poaia

na região, esse comércio pode ser considerado como uma atividade de grande relevância para a economia da localidade na época, além de fonte de enriquecimento dos exploradores da região. Também se infere que essa atividade contribuiu para o povoamento da região visto que muitos penetravam na localidade e tinham que suprir suas necessidades básicas durante a longa viagem. Ainda sobre a ocupação desse território, considerando-se a abundância de poaia e o intenso tráfego que houve na localidade, é certo que foi grande o interesse econômico na região e “[...] ações de natureza política e social, tais como ocupar o território, contatar e atrair os povos nativos e promover o povoamento” (ESPÍNDOLA, 2005, p. 412 apud CORRÊA, 2012, p. 26) aconteceram, mesmo que em menor intensidade e não registradas na história oficial. Entendemos que o comércio da planta foi o primeiro elemento econômico relevante para a exploração europeia, da colônia portuguesa e do império, na região e que a fronteira exploratória do território foi aberta por esse produto.

3 O território de exploração da planta

A Zona da Mata Mineira se encontra geograficamente a sudeste do estado de Minas Gerais e constitui uma mesorregião formada por sete microrregiões, a saber: Cataguases, Viçosa, Juiz de Fora, Ubá, Ponte Nova, Manhuaçu e Muriaé (Figura 2). Essas microrregiões, juntas, contabilizam 142 municípios. Os municípios que formam o Vale do Rio Carangola situam-se na microrregião Muriaé.

Figura 2: Localização da Zona da Mata em Minas Gerais e suas microrregiões



Fonte: Netto e Diniz, (2006, p. 29). Adaptada pelos autores.

Quanto à fisionomia da vegetação natural, a Zona da Mata se distinguia de outras regiões dentro do estado de Minas Gerais, inclusive era chamada de Mata do Leste, por ser constituída por uma vegetação de mata fechada e considerada um bloqueio à ocupação humana (VALVERDE, 1958).

Outro dos fatores que dificultavam a ocupação era o rígido controle que havia por parte das autoridades da época, no sentido de evitar trânsito na localidade, com intuito de proteger a região aurífera. Além de que “no período colonial, a imagem que os governantes de Minas Gerais construíram acerca do leste da capitania (e a economia e a historiografia mineira e paulista reproduziram) foi a de uma área natural, intocada pelo homem branco e habitada por indígenas pouco afeitos à civilização” (CARNEIRO, 2008, p. 2). Essas inferências concorreram para que fosse criado um dogma na literatura, de que o povoamento da Zona da Mata ocorreu apenas no final do século 18 e nas primeiras décadas do século 19, em consequência do declínio da mineração que culminou no afrouxamento do isolamento das áreas proibidas, não povoadas, quando então ocorreu a introdução do café. Valverde (1958, p. 25) aponta que a Zona da Mata era uma “terra sem história[...] até o limiar do século XIX”, entendida então, como um local, incivilizado. Para Pedrosa, o café foi a “grande força” que, na entrada do século, [XIX] “promoveu o desbravamento da Zona da Mata” (1962, p. 199). Também Iglésias apontou que, devido às determinações da Coroa Portuguesa, no “decorso do século XVIII não foram feitas grandes incursões do litoral para o interior nem do centro mineiro para o litoral [...] Daí ser mantida, a leste da área explorada, enorme faixa florestal, em que se refugiou o índio que evitava o contato com o colonizador” (1972, p. 374). Também nessa direção Carvalho (2001, p. 24) observou que

a devastação da região [da Zona da Mata] e sua ocupação pelos posseiros, só veio a ocorrer nos finais do século XVIII, e mais precisamente no terceiro decênio do século XIX, ou seja, quando as terras do Noroeste Fluminense tornaram-se interessantes para a implantação de atividades econômicas.

Discutimos essas afirmativas devido à significativa ocupação de indígenas na região e à exploração de frutos da terra, como é o caso da poaia, objeto deste estudo, que produziu um lucrativo comércio entre exploradores e indígenas, por mais de um século, o que comprova que as matas eram caminhos para os nativos se encontrarem com os negociantes, de forma que a Zona da Mata não era “uma terra sem história”.

Os agravantes anteriormente citados certamente contribuíram para que a Zona da Mata efetuassem seu desenvolvimento, progresso e povoamento mais tarde em relação a outras regiões do estado, principalmente por considerarem que era a presença de população branca o indício

de povoamento, excluindo, por uma referência eurocêntrica, as populações indígenas como povoadores e em seguida os quilombos de africanos.

O grande marco econômico na região foi a formação de fazendas de café, com trabalhadores africanos escravizados, seguidos pela vinda de imigrantes europeus em um ciclo de grande expansão da produção e do comércio de café. O período esteve marcado pela implantação de ferrovias, administração pública, serviços e, conseqüentemente, o crescimento urbano da região. Mas, daí a entender que só a partir da economia cafeeira é que iniciou o processo de povoamento, é desconsiderar a população indígena e o grande número de negros que se refugiaram na região e ignorar toda a atividade econômica que ocorreu no século 18, através do extrativismo da poaia.

Na história real das diversas regiões do país, um elevado número de fatores implicava o povoamento das regiões e a formação de vilarejos e vilas, além das populações rurais. No entanto, as narrativas históricas são pautadas pelos registros oficiais descritos pela posse oficial das terras, como se antes de oficializarem a posse das terras, não houvesse nada.

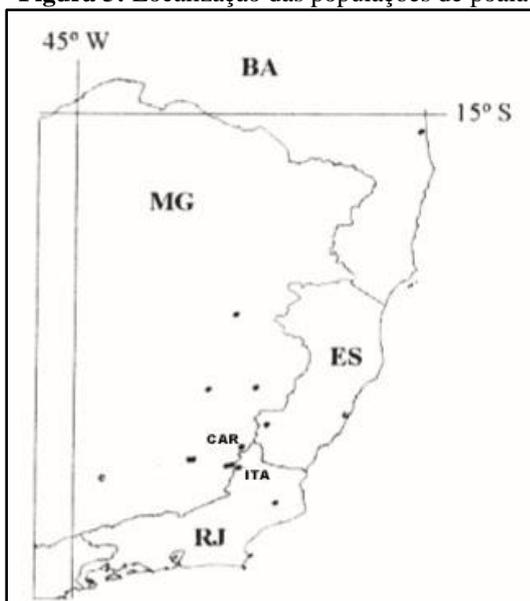
Devido a esses incidentes, as atuais abordagens da história nos levam a procurar ampliar as informações para uma maior compreensão da real ocupação dos espaços geográficos. Neste sentido, o estudo da exploração da poaia remete a uma ampliação da história sobre o Vale do Rio Carangola.

4 Poaia no Vale do Rio Carangola

O Vale do Rio Carangola, que é parte da Zona da Mata Mineira e sua extensão no Noroeste Fluminense, abrange 9 municípios, entre os quais seis pertencem ao território mineiro — Orizânia, Divino, Carangola, Faria Lemos, Pedra Dourada e Tombos — e três se encontram em território fluminense — Porciúncula, Natividade e Itaperuna. O rio Carangola, que nasce em Orizânia, percorre todos os nove municípios desaguando no Rio Muriaé na cidade de Itaperuna. Devido a essa incidência, denominamos a região como Vale do Rio Carangola.

O estudo de Martins e Oliveira (2004) comprova a presença da poaia no Vale do Carangola (Figura 3). Esses autores realizaram viagens nessa região e coletaram amostras da erva em vários municípios, entre esses em Carangola (CAR) e em Itaperuna (ITA), sinalizados no mapa abaixo.

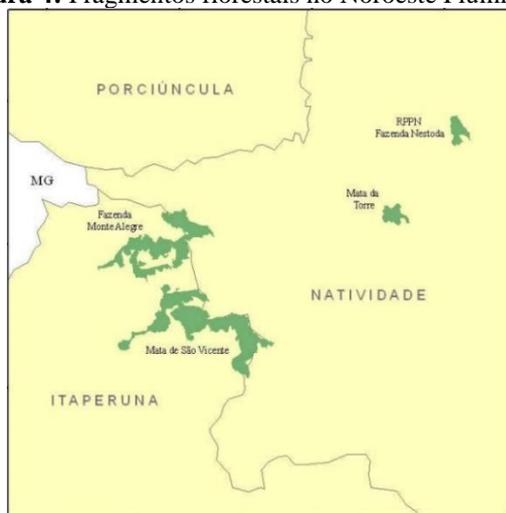
Figura 3: Localização das populações de poaia



Fonte: Martins e Oliveira (2004, p. 8). Adaptado pelos autores.

Considerando que a poaia é uma planta encontrada na floresta, observou-se a presença de fragmentos florestais em vários municípios durante os percursos que realizamos na região do Vale do Carangola, o que evidencia a existência de plantas nativas. Os estudos de Abreu (2013) corroboram nossas observações, ao apresentarem, por exemplo, a grande extensão da Mata de São Vicente, localizada entre Natividade e Itaperuna, com áreas em diferentes estágios de regeneração. Algumas de fácil acesso e outras que se regeneraram a partir de plantios abandonados, apresentam trechos bastante preservados. Também foram encontrados fragmentos florestais em outras áreas na região (Figura 4), evidenciando um total de “3.782 ha de remanescentes florestais de Mata Atlântica em Itaperuna e 1.866 ha em Natividade” (ABREU, 2013, p. 10).

Figura 4: Fragmentos florestais no Noroeste Fluminense



Fonte: Abreu (2013, p. 1).

As comprovações acima apresentadas indicam que a região do Vale do Carangola esteve entre as localidades fornecedoras de poaia ou ipecacuanha.

5 O extrativismo e o esgotamento da poaia no território

O extrativismo, forma de economia realizada pela exploração através da coleta sem a atividade agrícola do plantio, foi muito utilizada nos períodos da colônia e do império. Consistia em retirar as plantas e outras riquezas das regiões até o seu esgotamento, quando os exploradores procuravam outros locais para se abastecerem. Essa prática levou a poaia à quase extinção, fato que ocorreu com o pau-brasil, por exemplo, em todo o país e se repetiu na Zona da Mata Mineira e região Noroeste Fluminense com a poaia que, de abundante tornou-se escassa e rara de encontrar.

Muitas causas podem ser apontadas para essa circunstância, entre elas, o demasiado aumento do extrativismo vegetal, o extermínio do habitat da poaia, derrubada de matas para realização de atividades agrícolas e o processo migratório para a região. Ou seja, em nome do progresso, faltou uma política econômica de controle e preocupação em preservar a preciosa erva, que tanto lucro trouxe para os exploradores da região, para o estado e o país, visto que era internacionalmente exportada. Mas, apesar de o extrativismo ter levado à planta a figurar na lista das ameaçadas de extinção, essa atividade tornou possível o aproveitamento econômico de recursos oferecidos pela floresta antes da ocupação oficializada pela história, pelos europeus; além disso, foi fundamental para tornar conhecida a região, favorecendo o surgimento de um espaço econômico através do qual se formaram os caminhos em direção ao litoral. Também deu espaço à discussão sobre a origem do povoamento desta região, que pode ter se iniciado a partir dos herbanários oriundos das regiões fluminense e carioca, que transitavam na região afim de comercializarem a poaia com os nativos.

6 Estudos científicos sobre a poaia e suas propriedades terapêuticas

As propriedades terapêuticas da poaia tornaram-na um medicamento muito procurado e conhecido nacional e internacionalmente, pois proporcionava alívio a uma série de males, principalmente os que atacavam os pulmões e os intestinos. A ingestão do preparado das raízes da poaia ou do pó obtido através da sua trituração, combatia a diarreia e a infusão de suas raízes

tinha efeito expectorante. Essas eram doenças para as quais na época não existiam outros medicamentos; até 1900 eram comuns as mortes por pneumonia ou tuberculose.

Sobre o uso da poaia na Europa, as análises de Corrêa (2012, p. 44) em documentos oficiais inferem que “[...] a difusão do uso medicinal de poaia na Europa pressupunha que esta erva provinha do Brasil, em grande parte pelo menos [...]”, o que confirma que era muito grande o comércio de poaia, visto que abastecia a Europa do referido medicamento.

A importância da planta para o mercado europeu foi também confirmada por um estudo publicado pela Faculdade de Londres, de autoria de Woodville (1810), que aponta que

Ipecacuan, particularly in the state of powder, is now advantageously employed in almost every disease in which vomiting is indicated; and when combined with opium, under the form of pulvis sudorificus, it furnishes us with the most useful and active sweating medicine which we possess. It is also given with advantage in very small doses even when it produces no sensible operation. The full dose of Ipecacuan in substance is a scruple, though less doses will frequently produce an equal effect. The officinal preparation is vinum ipecacuanhae (WOODVILLE, 1810, p. 813 apud CORRÊA, 2012, p. 43).

Também no Brasil muitos estudos trataram das propriedades da poaia ou ipecacuanha. Corrêa (2012) analisou diversas teses apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que discutiam a referida temática, como os estudos de Camargo (1858), Resende (1874), Silva, (1877), Dias, (1878) e Bastos (1878). De forma que estudos epistemológicos envolvem, comprovam e legitimam a eficácia terapêutica e efetiva ação medicamentosa da planta. A tese apresentada por Camargo (1858) discutia a sua propriedade expectorante, capaz de promover a expulsão de fluidos concentrados nas vias respiratórias. A tese defendida por Resende (1874) comprovou as propriedades vomitivas e purgativas da planta, dependendo do estágio da doença: se no início, os vomitivos deveriam ser ministrados; em caso de uso posterior, deveria ser utilizada como purgativo.

Os estudos de Dias (1878), além de corroborar com as teses já citadas, apontou a ação da ipecacuanha em casos de hemorragia ao explicar que “a emetina exerce uma ação excitante sobre as fibras musculares lisas, da qual resulta uma contração das artérias, que explica a ação benéfica da ipecacuanha em diversas hemorragias” (DIAS, 1878, p. 124 apud CORRÊA, 2012, p. 10-11).

Silva (1877) destaca a eficácia da poaia “nos casos de dispneia habitual, dispneia ligada ao enfisema pulmonar ou mesmo às lesões orgânicas do coração em começo” (SILVA, 1877, p. 78 apud CORRÊA, 2012, p. 10). Também a tese de Bastos (1878) discutiu a ação da Ipecacuanha em diversas moléstias como pneumonia, tísica, bronquite, croup, hemorragias,

coqueluche, asma, pirexias, diarreia, desintéria, febre puerperal e cólera, bem como apresentou a dosagem e forma de utilização, in natura, xarope, pó e pílula, dependendo da doença (CORRÊA, 2012).

A variedade de usos da poaia, principalmente relacionados com doenças respiratórias e cardíacas, é demonstrada pela intensidade das pesquisas científicas. O grande interesse científico é um correlato da importância medicinal, farmacêutica e comercial desse vegetal. As abordagens apresentadas neste artigo introduzem novas visões sobre a exploração e conhecimentos do território do Vale do Rio Carangola e região.

7 Considerações finais

A inclusão do ciclo de extrativismo como marcador da história e do conhecimento geográfico da região modifica substancialmente as narrativas históricas sobre o Vale do Rio Carangola. Na história normalmente e oficialmente divulgada, parte dos municípios do vale constituíam uma região inóspita e selvagem que foi conquistada e iniciou as suas atividades a partir da figura do desbravador Lannes Dantas Brandão e família. Retiravam da narrativa a presença e a importância dos grupos indígenas, que participaram do comércio e propiciaram parte do conhecimento e instalação das populações antes do ciclo das fazendas de café. A ocupação de europeus nesse território e a exploração econômica se deu muito após a exploração da poaia e de madeiras de lei importantes para a construção civil, para embarcações e indústria moveleira. Neste estudo, apresentamos a poaia como parte importante do extrativismo vegetal da região. Ficam para estudos posteriores as demais formas e produtos de grande relevância retirados da localidade.

Referências

ABREU, Karla Maria Pedra de. **Estrutura, florística e diversidade de fragmentos de floresta estacional semidecidual no Norte-Noroeste fluminense**. 2013. 214 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) — Centro de Biociências e Biotecnologia, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2013.

CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. **Conquista e povoamento de uma fronteira: a formação regional da Zona da Mata no Leste da Capitania de Minas Gerais (1694-1835)**. 2008. 295 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MPBB-7CUF2D/1/disserta__o_de_mestrado_patricio_2008.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

CARVALHO, R. A. B. **Imigrantes italianos em uma nova fronteira: Noroeste Fluminense (1896-1930)**. 2001. 135 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Trabalho) — Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2001.

CORRÊA Márcio Xavier. Ensaio bibliográfico sobre a economia da poaia na Zona da Mata Mineira. *In: CICLO DE ESTUDOS HISTÓRICOS*, 20., 2010, Ilhéus. **Anais [...]**. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2010.

CORRÊA, Márcio Xavier. **Memória sobre a economia extrativa da poaia**. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

CORRÊA, Márcio Xavier. A prescrição terapêutica de ipecacuanha nas práticas médicas (século XIX). *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 29., 2017, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: ANPUH/UNB, 2017. Tema: Contra os preconceitos: História e democracia.

Disponível em:

https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502109808_ARQUIVO_textoANPUH2017MarcioCorrea.pdf . Acesso em: fev.2021

CUNHA JUNIOR, H. Metodologia afrodescendente em pesquisa. **Ethnos Brasil**, São Paulo, v. 6, p. 69-80, 2008.

IGLÉSIAS, Francisco. Minas Gerais. *In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Monárquico*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. p. 364-412. v. 2, t. 2.

LAMEIRA, O. A. **Cultivo da ipecacuanha [*Psychotria ipecacuanha* (Brot.) Stokes]**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental. 2002. p. 1-4. (Circular Técnica n. 28).

MARTINS, E. R.; OLIVEIRA, L. O. Conservação da poaia (*Psychotria ipecacuanha* Standl.): I Estratégias de Localização de populações e etnobotânica. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v. 7, n. 1, p. 6-10, 2004.

MONTEIRO, Eugenia del Carmen Quilodrán Briones. **Experiências instituintes no sistema público de ensino: o caso de Natividade**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

NETTO, Marcos Mergarejo; DINIZ, Alexandre M. A. A formação geo-histórica da Zona da Mata de Minas Gerais. **R. RA'E GA**, Curitiba, n. 12, p. 21-34, 2006.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. Universo da poaia e seu patrimônio cultural: marcas do tempo de Rondon e da coluna Prestes. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 27., 2013, Natal-RN. **Anais [...]**. Natal: ANUH, 2013. Disponível em: anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548874924_00e3edd043ab329144352bfeaae9fb50.pdf. Acesso em: fev. 2021.

PEDROSA, Manuel Xavier de Vasconcelos. Zona silenciosa da historiografia mineira — a Zona da Mata. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 9, p. 189-230, 1962.

RAW, Isaias; SANT'ANNA, Osvaldo A. **Aventuras da microbiologia**. 1. ed. São Paulo: Harcker Editores, 2002.

SILVA, M. M. da; CUNHA JUNIOR, H. Percursos urbanos como forma de pesquisar o patrimônio afrocratense. **Geotextos** (online), Salvador, v. 15, p. 199, 2019.

SILVA, Renata Aquino da. **Afroinscrições negras em Petrópolis**: História urbana, Memória e Territorialidade. 2018. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SOUZA, M. A.; CUNHA JUNIOR, H. Bairros negros e suas formações na cidade de Natividade-RJ. *In*: CUNHA JÚNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira (orgs.). **Bairros negros, cidades negras**. 1. ed. Fortaleza-CE: Via Dourada, 2019. v. 1, p. 01-280.

TUPINI, Mônica Teixeira; VARGAS, Evandro Francisco Marques. Da planta para a língua: Uma análise das representações sociais sobre a puaia em Bom Jesus do Itabapoana. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 12, 2015. Sociolinguística, Dialectologia e Geolinguística.

VALVERDE, Orlando. Estudo regional da Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 20, n. 1, jan./mar. 1958.